

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara
CAMÕES, e, VII e 14

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Comercial
Maurício Dinepi

Diretor Industrial
Osvaldo Abilio Braga

Editor Chefe
Jota Alcides

Diretor de Marketing
Márcio Cotrim

Diretor de Planejamento
João Augusto Cabral

CORREIO BRAZILIENSE Fim à sinistrose

Ninguém duvida de que a persistência da inflação nos níveis atuais inibe a tomada de decisões fundamentais, no âmbito da iniciativa privada, para assegurar o desdobramento normal do processo econômico. Ao mesmo tempo, contém em limites inadequados os investimentos governamentais na infra-estrutura do País, porque a desvalorização incontrolável da moeda, fenômeno de previsão complexa e tormentosa, rompe o equilíbrio das relações orçamentárias. Além disso, as políticas ortodoxas de combate ao crescimento anormal dos preços da economia compele o Governo ao exercício de ações restritivas quanto à movimentação dos recursos públicos.

É fora de dúvida, pois, que a inflação tem o tamanho de uma verdadeira tragédia nacional, cuja superação não cabe apenas aos esforços da máquina governamental. Enquanto a sociedade mantiver a cultura inflacionária, expressa em tantas formas comportamentais, a economia brasileira jamais voltará a evoluir sobre os planos do equilíbrio. Nenhum processo de formação de preços sustenta de forma adequada em presença de uma demanda irracional, que pode ser exemplificada com a dona-de-casa ávida na aquisição de mercadorias de consumo forçado para estocar. A pressão consumista faz os preços dispararem, pois as leis de mercado, no caso, a da oferta e da procura, funcionam com uma precisão fatal e irrecorrível.

Malgrado os aspectos funestos aqui arrolados, urge exorcizar a sinistrose reinante no País, em função da qual as adversidades ganham dimensões desproporcionais à sua efetiva carga de malefícios. O foco de interesse lançado sobre a inflação remete às zonas de sombra importantes sinais de recuperação econômica, com repercussão no plano social de grande proveito para eliminação de alguns núcleos de inconformidade.

São francas as possibilidades de o Brasil elevar para 60 bilhões de dólares o valor de suas exportações, previsão não apenas sustentada pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, mas, acima de tudo, nas projeções elaboradas pelas entidades empresariais de grau sindical. O declínio das taxas de desemprego para algo em torno de 5,2 por cento situa o Brasil entre as nações onde o fenômeno, provocado pela recessão mundial, é menos intenso. Na Inglaterra, uma das sete sociedades mais desenvolvidas do mundo, o desemprego da força de trabalho alcança nada menos de 9,4 por cento.

Os dados disponíveis indicam que o Produto Interno Bruto deverá crescer este ano em torno de quatro pontos, quer dizer, uma expansão real de 1,5 por cento, considerado o incremento demográfico de 2,5 por cento. A destinação de linhas de crédito mais robustas, conquanto ainda insuficientes, projeta uma safra agrícola 1993/94 acima de 70 milhões de toneladas de grãos. E a previsão de uma colheita em torno de 100 milhões de toneladas em 1994/95 é bastante real, tanto em razão das disponibilidades financeiras para aportes resultantes do aumento da arrecadação de impostos, quanto em função da próxima reforma fiscal, que irá ampliar os fluxos de caixa do Tesouro e remeter à competência de estados e municípios certos encargos hoje atribuídos à União.

Vê-se, portanto, que a realidade não é tão dramática quanto parece aos olhos enevoados pelas sombras do pessimismo, não obstante o renitente processo inflacionário. O Brasil não tem motivo algum para sucumbir aos estágios patológicos da depressão. Na verdade, dispõe de robustas razões para crer e vencer, tantos e, por assim dizer, inesgotáveis são os seus potenciais de riqueza.